

**COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e  
Cultura

Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD

Mônica Reis Felizola

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO NA ESCOLA DA CULTURA  
VISUAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS DO BRASIL:  
OS INDÍGENAS**

Rio de Janeiro  
2019



Mônica Reis Felizola

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO NA ESCOLA DA CULTURA VISUAL DOS POVOS  
ORIGINÁRIOS DO BRASIL: OS INDÍGENAS**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora Prof. Mestra Valquíria Cordeiro

Rio de Janeiro  
2019

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

F316 Felizola, Mônica Reis

A importância do estudo na escola da cultura visual dos povos originários do Brasil: os indígenas/Mônica Reis Felizola. - Rio de Janeiro, 2019.

61f.

Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Orientador: Valquíria Cordeiro Fernandes.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Índios. 3. Cultura visual. I. Fernandes, Valquíria Cordeiro. II. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Mônica Reis Felizola

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO NA ESCOLA DA CULTURA VISUAL DOS  
POVOSORIGINÁRIOS DO BRASIL: OS INDÍGENAS**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Mestra Valquíria Cordeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Mestra Vivian Greco C. de Araújo

---

Prof.<sup>a</sup> Doutora Janaina Laport Bêta

Rio de Janeiro  
2019

Dedico este trabalho a todos os meus alunos e alunas, que evitam o meu envelhecimento e tornam a minha vida mais feliz.

Dedico aos livros que li e as imagens artísticas que vi, porque me fizeram sentir uma pessoa viva, me salvando da ignorância e me tornando uma pessoa melhor.

Dedico a todos os indígenas deste país, especialmente à Júlia Muniz de Souza, da etnia xavante: wautomohinho, que lutam pela preservação de sua cultura.

**AGRADECIMENTOS** Dedico à memória de minha amada mãe, Nancy Reis Felizola, que me ensinou a ter tolerância e compaixão pelas pessoas e por ter também me incentivado a ser professora, assim me tornei uma pessoa mais humana.

Agradeço à equipe do Colégio Pedro II, pela dedicação e formação desse curso, sendo a nossa turma a primeira da pós-graduação em artes visuais.

A minha professora orientadora Valquíria Cordeiro, pela condução ao meu trabalho.

A minha filha Carolina Felizola Nunes, que me ajudou no ponta pé inicial do curso com a carta de apresentação.

A amiga Ana Lucia Gonçalves Paraízo Borges que me incentivou e acompanhou na trajetória desse curso, me ajudando a não desistir.

Ao meu pai Jacy Gramático Felizola, que sempre me ensinou a colocar os estudos como prioridade em minha vida.

A amiga Vânia Lúcia de Jesus e Sousa, que me ajudou na confecção dessa monografia.

A amiga Adriana Guerra, que soube me ouvir e ajudar nos momentos de angústia.

“...para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco.”

Paulo Freire

## RESUMO

FELIZOLA, Mônica Reis. **A importância do estudo na escola da cultura visual dos povos originários do Brasil: os indígenas**. 2019. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2019.

A cultura visual indígena vem dos povos ancestrais que habitavam o Brasil antes da chegada dos colonizadores. Esses povos, que ainda hoje habitam nossa terra, desenvolveram e desenvolvem uma cultura própria e, apesar de serem considerados inferiores e primitivos, conseguem viver em harmonia com a natureza, preservando e utilizando artisticamente todos os elementos que os cercam no ambiente onde vivem. A fim de se manterem vivos dos ataques de uma sociedade que só visa o consumo e à produção desenfreada das terras e de bens, os povos indígenas, que são os originários do Brasil, precisam ser valorizados, respeitados e reconhecidos como os verdadeiros donos das terras brasileiras que habitavam e habitam o nosso solo. Compreende-se então o povo indígena – ainda que plural em sua diversidade populacional - como um dos formadores do povo brasileiro. No produto educacional que elaborei, mostro uma sequência didática que pretende estudar essa cultura visual, viva e atuante para dar oportunidade aos alunos de entrar em contato com essa arte que é constituída por uma estética rica em harmonia, cores, formas, beleza e bagagem religiosa. Além disso, levar os alunos a familiarizar-se e sensibilizar-se com a arte indígena estimula-os a perceber que a arte e cultura indígena está mais presente em nossa vida cotidiana mais do que imaginávamos.

**Palavras Chaves:** Indígenas. Povos originários. Cultura visual. Valorização. Reconhecimento. Alunos e escola.

## **ABSTRACT**

FELIZOLA, Mónica Reis **The importance of visual culture studying in the school from native people of Brazil: the indigenous people.** 2019. Monograph (Specialization) - Pedro II School, Pro-Rector's of Post-Graduation, Research, Extension and Culture, Specialization Program in Teaching in Visual Arts learning, Rio de Janeiro, 2019.

The indigenous visual culture comes from the ancestors who inhabited Brazil before the colonizers' arrival. These peoples, who still inhabit our land, have developed and develop nowadays their own culture and, although they are considered inferior and primitive, they can live in harmony with nature, preserving and artistically using all the elements that surround them in the environment in which they live. In order to stay alive from the attacks of a society that only aims at the consumption and the unrestrained production of lands and goods, the indigenous peoples, who are the originators of Brazil, need to be valued, respected and recognized as the real owners of the Brazilian lands who inhabited and inhabit our soil. These it is understood they are that the indigenous people- although plural in their population diversity – they are of those who contributed to create the Brazilian people on the educational product that I produced. I show a didact sequence that aims to study this visual, lively and active culture so as to give our students the opportunity to get in touch with this art that is constituted by rich aesthetics in harmony, colors, shapes, beauty and religious baggage. In addition, leading students to become familiar with and to sensitize themselves to indigenous art encourages them to realize that indigenous art and culture is more present in our daily life than we imagined.

**Keywords:** Indigenous people. Native peoples. Visual culture. Appreciation. Recognition. Students and school.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA	13
3. OBJETIVOS	24
3.1. OBJETIVOS GERAIS	24
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
4. REFERENCIAL TEÓRICO	25
4.1. CAPÍTULO I – LEI 11.645	25
4.2. CAPÍTULO II – O PRODUTO EDUCACIONAL CRIADO E SUA IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

## 1. INTRODUÇÃO

Diante da invisibilidade da existência dos povos indígenas a ponto de os alunos questionarem a presença de índios no Brasil, fica evidente a importância de desenvolver esse trabalho de pesquisa sobre a cultura visual indígena. Esse estudo vem refletir e retratar na escola uma nova forma de olhar o mundo dos indígenas, criar identidade e deixar de ter uma visão marginalizada desses povos. Neste contexto, a elaboração desse trabalho permite trazer para a sala de aula a produção artística junto com a forma de viver dos indígenas. Vem mostrar uma nova maneira de apreciar o mundo dos povos originários, dando as imagens que circulam nos meios de comunicação uma resposta educativa através do produto educacional desenvolvido aqui.

Os alunos serão levados à observação e reflexão da cultura visual indígena através de um projeto que é uma sequência didática que intenciona trazer ações que promoverão o desenvolvimento de práticas pedagógicas que permitirão relacionar o que se ensina e se aprende na escola com os desafios que tem atualmente a construção do conhecimento na sociedade da informação. Os estudantes serão capazes de interpretar e dar respostas ao que acontece no mundo em que vivem, através de um currículo multicultural que é essencial para uma educação como interventora social levando à reconstrução de uma sociedade menos colonialista.

Acreditamos que bons currículos e ensinamentos, particularmente na área do multiculturalismo, devem ser conectados com as necessidades, experiências e comunidade dos estudantes. É importante para os estudantes investigar como as suas vidas se relacionam e são limitadas pela sociedade de forma mais ampla. Os alunos precisam de habilidades críticas para endereçar questões sociais e decidir, após pensar muito, como alguns grupos se beneficiam ou prejudicam outros pelas práticas e decisões colonialistas. (BALLENGEE-MORRIS; DANIEL; STUHR, 2010, p.267)

Os indígenas foram inicialmente entendidos e retratados pelos europeus como seres exóticos e primitivos. Caracterizá-los como inferiores justificava e facilitava os propósitos coloniais. A destruição da história dos indígenas pelos colonizadores era e é essencial para a dominação desse povo. Os indígenas brasileiros, vivendo em um país tropical, com sua cultura original, mostram uma forma própria de ver o mundo, se organizam em modelos sociais diferentes dos nossos e se relacionam de forma sustentável com o ambiente em que vivem. Como são diferentes da sociedade, sofrem ataques em sua cultura e história porque para os colonizadores atuais tem pouco valor para nação.

Até 1988 a cultura indígena não era considerada como cultura do povo brasileiro. A

partir daí as sociedades indígenas tiveram reconhecidos seus direitos às diferenças, sendo-lhes garantidos costumes, organização social e religião própria.

Atualmente, a cultura visual indígena vem sofrendo vários ataques e desrespeitos, seja pelo agronegócio, interessado em retirá-los das terras demarcadas para a expansão de terras produtoras, seja por religiões neopentecostais que seguem a linha do colonizador em dominá-los através da manipulação religiosa, como também foi feito no passado.

Portanto, os preconceitos e o desenvolvimento que existem ainda hoje sobre os povos indígenas no país têm origem histórica e são justificados pelos interesses de alguns grupos que pretendem eliminar qualquer resistência aos projetos de desenvolvimento. A violência praticada contra esses povos e o preconceito que os meios de comunicação difundem contribuem para a desvalorização dessas populações que sequer dominam, desqualificando suas culturas, seus saberes, para desumanizá-los e tornar aceitável o seu extermínio físico, cultural e simbólico. (COSTA, 2016, p.382)

Entender como vivem e que contribuição os indígenas nos deixaram através de sua cultura é essencial dentro do local de aprendizagem, que neste caso é a escola. Compreender a cultura visual indígena implica fazer uma reflexão sobre nossas matrizes ancestrais, tendo os indígenas como povos originários do Brasil, que aqui sempre habitaram.

Os indígenas brasileiros dispõem ainda hoje de uma grande produção de alta qualidade estética que, embora não seja codificada pela cultura dominante, precisa ser reconhecida, estudada e valorizada pela sociedade brasileira atual.

Conhecer outros jeitos de viver e de ver o mundo amplia o nosso universo pessoal e gera novos aprendizados. Uma das formas de ampliar esse universo é por meio do contato com outras narrativas e culturas.

Trazer, portanto, para a escola o estudo da cultura visual indígena é reafirmar a importância das interpretações visuais no estudo dessas linguagens visuais, no processo de aprendizagem do aluno na sociedade e no meio em que ele vive.

A cultura visual dispõe de um componente estimulante para um currículo integrado pela exposição de imagens e objetos que caracterizam a complexidade, ambiguidade, contradição, paradoxo e múltiplas perspectivas. Por esse caminho, os estudantes aprendem que a vida real é desarrumada e as questões não são resolvidas tendo “a” resposta certa. Soluções envolvem discussão, compromisso, negociação, arbitragem, mediação, sensibilidade cultural e fraqueza com os recursos comunitários, múltiplas representações e re-representações. (BALLEN-GEE-MORRIS; DANIEL; STUHR, 2010, p.268)

Discutiremos nos próximos capítulos nossas práticas culturais, enfatizando a cultura visual dos povos indígenas, originários do nosso país, a trajetória desses povos até os dias de hoje, a importância dos estudos da cultura visual, através da visualidade em forma de produtos como artefatos, representações rituais e simbólicas que mostra a importância do patrimônio imaterial e a contribuição da lei 11.645 no desenvolvimento dos estudos da diversidade dos povos indígenas e afro brasileiros, e a importância pedagógica do produto sobre o estudo da cultura visual indígena.

## 2. JUSTIFICATIVA

O processo de ocupação do território brasileiro resultou de violentas disputas entre diferentes culturas que promoveu uma cultura mista, híbrida e complexa que precisa ser estudada por diferentes olhares. A partir dessas visões conflitantes, será possível reconhecer preconceitos nossos e dos alunos no que diz respeito a relações de poder, acumulação de riquezas e noções de justiça. Através de um produto que consistirá em uma sequência didática dos estudos da cultura visual dos povos indígenas na escola poderemos compreender a relevância da multiculturalidade.

Hoje, os humanos ainda são seres móveis (nômades). Porém, muitos de nossos viajantes o fazem via rede de comunicação virtual: televisão, rádio, filmes, e tecnologia de computador. Por essa razão, as dimensões do desafio do multiculturalismo são enormes por todas as pessoas, especialmente para os educadores, que devem ensinar as questões e implicações desse assunto para os estudantes através dessas descrições virtuais. (BALLENGEE-MORRIS; DANIEL; STUHR, 2010, p.266)

**Imagem 1 – Bandeira do Brasil da Mangueira**



A escola de samba Mangueira, vencedora do Carnaval no Rio de Janeiro, levou à avenida histórias de resistência de indígenas e negros no país. Entre as referências do samba-enredo nota 10, está o livro Povos Indígenas no Brasil, editado pelo ISA. Fonte: <https://www.socioambiental.org/pt-br>

Calcula-se que cerca de mil diferentes povos habitavam o território correspondente ao atual Brasil quando os colonizadores europeus começaram a invadir suas terras, no final do século XV.

Os povos indígenas nos primeiros contatos se mostraram amigáveis com os estrangeiros, porém muitos desses povos foram não só contaminados por doenças trazidas

pelos europeus como também foram escravizados por eles. A resistência à escravização gerou inúmeras e sangrentas guerras que dizimaram boa parte da população indígena costeira. Aqueles que sobreviveram migraram para o interior do continente na esperança de conseguir fugir de tão triste fim. Infelizmente a ocupação de suas terras prosseguiu na mesma direção, espalhando tribos inteiras por regiões que lhes eram desconhecidas.

Mesmo submetidos a diversos tipos de violência durante mais de cinco séculos, muitos povos conseguiram sobreviver e, nas últimas décadas, apesar de todos os problemas enfrentados e contrariando muitas expectativas, a população indígena retomou o crescimento. Estima-se que no Brasil atualmente há cerca de 305 povos indígenas, que falam em torno de 200 línguas e dialetos, chegando próximo a 900 mil indígenas, segundo dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Essa população indígena está espalhada por todas as macrorregiões do país, com maiores concentrações populacionais na Região Norte.

No século XIX, como forma de tentar reparar séculos de destruição e submissão da cultura indígena, artistas e intelectuais empenharam-se na reconstrução da identidade indígena. No entanto, tal identidade, construída dentro do romantismo, pintava o índio de forma heroica e idealizada, tal como nas obras literárias o Guarani e Iracema, de José de Alencar ou na pintura O Último Tamoio, de Rodolfo Amoedo. Somente na segunda metade do século XX os povos indígenas conseguiram recuperar sua própria voz. A partir de 1970, em plena ditadura militar, começou a luta pela demarcação de suas terras e pelo direito à preservação de seu modo de vida.

A aproximação de organizações civis às comunidades indígenas e os estudos de antropólogos e outros intelectuais contribuíram para evidenciar que o modo de vida e os saberes desses povos constituem um patrimônio cultural de toda a humanidade. Existe muito por aprender com os povos indígenas, pois eles se organizaram em modelos sociais diferentes do nosso e se relacionam de forma sustentável com o ambiente em que vivem.

Apropriando-se da arte material e imaterial da cultura visual podemos dizer que o conceito de arte, como entendemos, não existe para os povos indígenas que vivem no Brasil. As ideias de inovação e contemplação não estão presentes nas formas estéticas dos diferentes povos. Entretanto, não é porque inexistem o conceito de estética e os valores que o campo das artes agrega na tradição ocidental, que os indígenas brasileiros não teriam formulado seus próprios termos e critérios para distinguir e produzir beleza. A produção artística brasileira não deixa dúvida quanto a beleza desses povos. A inexistência da figura do artista como indivíduo criador é outra diferença que procura expressar sua subjetividade por meio de

formas originais. A arte nas sociedades indígenas é fruto de práticas que visam à continuidade de uma tradição ancestral.

Até hoje, uma certa concepção museológica dos artefatos indígenas continua a vigorar no senso comum. Para muitos, essas obras constituem “artesanato”, considerado uma arte menor, cujo artesanato apenas repete o mesmo padrão tradicional sem criar nada. Tal perspectiva desconsidera que a produção não paira acima do tempo e da dinâmica cultural. Ademais, a plasticidade das obras resulta da confluência de concepções e inquietações coletivas e individuais, apesar de não privilegiar este último aspecto, como ocorre na arte ocidental. Confeccionados para uso cotidiano ou ritual, a produção de elementos decorativos não é indiscriminada, podendo haver restrições de acordo com categorias de sexo, idade e posição social. A produção de tais elementos exige ainda conhecimentos específicos acerca dos materiais empregados, das ocasiões adequadas para a produção.

As formas de manipular pigmentos, plumas, fibras vegetais, argila, madeira, pedra e outros materiais conferem singularidade à produção, diferenciando-a da arte ocidental. No entanto, não se trata de uma “arte indígena”, e sim de “artes indígenas”, já que cada povo possui particularidades na sua maneira de se expressar e de conferir sentido às suas produções.

Os suportes de tais expressões transcendem as peças exibidas nos museus e feiras - cuias, cestos, cabaças, redes, remos, flechas, bancos, máscaras, esculturas, mantos, cocares - uma vez que o corpo humano é pintado, escarificado e perfurado; assim como o são construções rochosas, árvores e outras formações naturais; sem contar a presença crucial da dança e da música. Em todos esses casos, a ordem estética está vinculada a outros domínios do pensamento, constituindo meios de comunicação – entre homens e mulheres, entre povos e entre mundos – e modos de conceber, compreender e refletir a ordem social e cosmológica.

Mesmo com toda essa bagagem de produção, a ciência ocidental apresenta ainda imensa dificuldade de reconhecer a propriedade intelectual dos povos indígenas em relação ao conhecimento de plantas e materiais da natureza utilizados para fazer os artefatos. Uma vez que vivemos em uma sociedade capitalista que tende a valorizar a propriedade em detrimento do ser humano, muitas vezes é mais fácil reconhecer os patrimônios materiais, como monumentos públicos, obras de artes, entre outros, que o patrimônio imaterial, representados pelas danças, pelos hábitos alimentares, pelas crenças e pela própria língua. Como o processo de colonização dizimou culturas, grande parte do patrimônio imaterial dos habitantes do Brasil foi destruída.

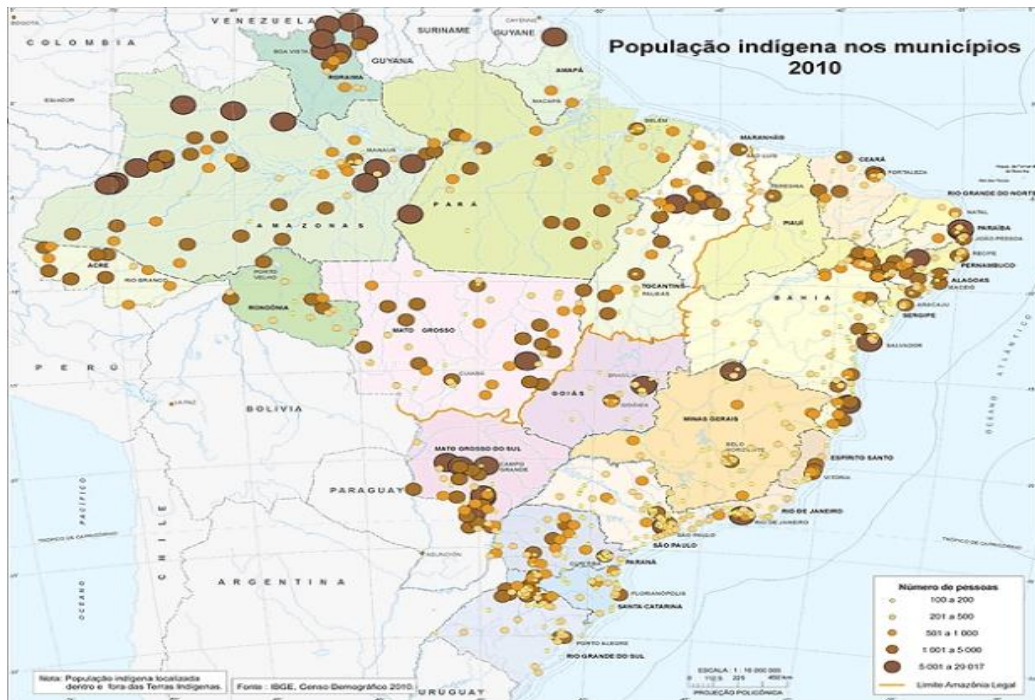
O reconhecimento dos valiosos sistemas de conhecimentos produzidos pelos povos indígenas é um processo lento, que ainda está em curso. Dentre outros fatores históricos, a revisão da noção de “cultura” conduzida pela Antropologia, tem possibilitado a construção de instrumentos para que esse conjunto de saberes possa ser reconhecido pelos estados nacionais e por organizações internacionais. Nesse processo de revisão, destaca-se a importância que os patrimônios imateriais adquiriram na cena científica, onde se critica o excesso de foco dado até agora ao patrimônio material e aos saberes tecnológicos. (GALLOIS, 2006, p.10)

Levando-se em consideração o impacto das novas tecnologias e as mídias no cotidiano dos indígenas, apesar do isolamento de alguns, podemos falar de uma cultura visual na arte indígena, já que segundo Freedman, “a cultura é a forma de viver e a cultura visual dá forma ao nosso olhar, ao mesmo tempo que é a forma de olhar o mundo”, e está presente na (i)materialidade e no significado cultural da arte, eliminando as diferenças conceituais entre arte e cultura e sendo denominada a partir de então como uma cultura visual indígena.

Imagens são uma forma poderosa de representação. Boa parte desse poder está no seu caráter interpretativo. Abandonando então o preconceito, a cultura visual indígena sendo ensinada na escola, pode desenvolver nos alunos um poder mais interpretativo, crítico e seguro em relação ao seu poder de cidadão, diante desse mundo imagético. Nesse mundo contemporâneo plural e híbrido as imagens se afirmam diante de uma representação aparentemente comum. (FREEDMAN, 2010, p.126)

Sendo assim, exibe-se a seguir um mapa com a localização e distribuição da população indígena presente no país em que é possível observar que a cultura indígena e conseqüentemente a existência da cultura visual indígena não é uma invenção abstrata e sim real, espalhada em todo o território brasileiro. Após o mapa, foram escolhidos e foram selecionadas algumas fotos e imagens que ilustram a realidade da cultura visual indígena.

## Imagem 2 – População indígena nos municípios 2010



Mapa mostra a distribuição espacial das 896 mil pessoas que se declararam ou se consideraram indígenas. Fonte: IBGE

Exemplos de imagens da cultura visual indígena:

## Imagem 3 – Arte Wayana



A maruana, roda-de-teto com pinturas que representam lagartas sobrenaturais, está presente em todas as casas Wayana. Desenho de Yeyé. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 4 – Arte Kadiwéu**



Desenhos minuciosos e simétricos, traçados com tinta obtida da mistura do suco do jenipapo com pó de carvão, marcam, até hoje, a pintura corporal dos Kadiwéu. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 5 – Arte Baniwa**



Índio Baniwa do alto Içana (Amazonas) coloca etiqueta com a logomarca “arte baniwa” num urutu de arumã, cestaria que é comercializada em São Paulo. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 6 – Arte Tikuca**



As máscaras Tikuna, que guardam características essenciais do sobrenatural, "dançam" no pátio da aldeia. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 7 – Arte Tikuna**



Hilda Tomás do Carmo, índia tikuna (AM), mostra o desenho que representa a “festa da moça nova”. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 8 – Arte Karajá**



A cerâmica Karajá é arte exclusiva das mulheres. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 9 – Arte Matis**



As máscaras Matis (AM) representam os espíritos mariwin, cujo papel consiste em bater nas crianças com o objetivo de endurecer, disciplinar e torná-las mais ativas e vigorosas. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 10 – Arte Kadiwéu**



Entre os Kadiwéu (MS), também são as mulheres que decoram a cerâmica. Elas utilizam padrões que seguem um repertório rico, mas fixo, de formas preenchidas com variadas cores. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 11 – Arte Xikrin**



Entre os Xikrin, a qualidade de pintura é considerada atributo inerente à natureza feminina. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 12 – Arte Xikrin**



No ritual de nomeação dos Xikrin do Cateté, as meninas são, por meio da pintura corporal e da elaborada arte plumária, literalmente transformadas em pássaros. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 13 – Arte Wari'**



O towa, instrumento de percussão dos Wari' (RO), é feito de argila revestida de caucho de seringueira. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 14 – Arte Baniwa**



Cestaria de arumã baniwa. Foto: Beto Ricardo, 2000. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

**Imagem 15 – Arte Wayana**



Esta peça de cestaria dos Wayana (PA) guarda o motivo kaikui, a onça pintada que representa simbolicamente os guerreiros. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>

### **3. OBJETIVO**

Estudo da cultura visual indígena através de um produto pedagógico.

#### **3.1. Objetivos gerais**

Tal produto, que é uma sequência didática sobre a importância do estudo da cultura visual dos povos indígenas, levará o alunado a conhecer, aprender e respeitar a cultura visual dos povos originários.

#### **3.2. Objetivos específicos**

- Estudar e entender a arte, artefatos e arte imaterial da cultura visual indígena de algumas etnias.
- Levar o aluno a reconhecer a cultura visual dos povos indígenas na escola.
- Trazer uma contribuição pedagógica na formação cultural dos alunos.
- Reconhecer a cultura material e imaterial.
- Valorizar a arte dos povos indígenas, através de um olhar respeitoso.
- Reconhecer as diversas culturas visuais.

## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1. Lei 11.645

Os povos indígenas têm um capítulo próprio na constituição de 1988, que reconhece seu direito sobre as terras que habitam. Eles já estavam lá antes da chegada dos colonizadores e da fundação do Estado do Brasil. E, na atual legislatura, têm uma representante no congresso federal, a advogada Joênia Wapichana.

A contribuição histórica das diversas culturas indígenas hoje é reconhecida e está presente na vida dos brasileiros, não só nas manifestações restritas ao passado, mas também em elementos vivos e participantes na cultura do país. Uma grande parcela da população partilha dessas origens.

Sendo assim, de acordo com a lei 11.645, reconhecer a diversidade da cultura indígena é preservar nossas origens e realizações no passado, presente e futuro. A lei 11.645 aborda o tema da diversidade e da etnicidade na educação básica, distinguindo-se de outras políticas orientadas para segmentos sociais etnicamente diferenciados (BRASIL, 2008).

A lei não se propõe a definir políticas educacionais para os povos indígenas ou afro-brasileiros, mas torna obrigatória a inclusão do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos do ensino fundamental e médio, das redes públicas e privadas. Também propõe uma abordagem transversal das temáticas, na medida em que define que o conteúdo seja trabalhado.

A lei vem trazer novas concepções de que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção positiva da cultura dos indígenas e afrodescendentes e por uma educação que tenha respeito à diversidade e à construção do antirracismo, contribuindo para a formação cidadã dos nossos alunos.

Trabalhar as questões raciais e as questões de desigualdade faz parte da luta pela cidadania e democracia para todos. É urgente o trabalho de respeito ao outro, questionamentos e discussões dos fatores que têm provocado preconceitos e discriminação, devem ser feitos nas escolas.

A educação para as relações étnico-raciais que cumpre o seu papel é aquela em que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos negros e brancos, ao passarem pela escola básica, questionem a si mesmos nos seus próprios preconceitos, tornem-se dispostos a mudar posturas e práticas discriminatórias, reconheçam a beleza e a riqueza das diferenças e compreendam como essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação. Em suma, os sujeitos de uma educação das relações étnico-raciais que se pauta na ética aprenderão a se posicionar

politicamente (e não somente no discurso) contra toda a sorte de discriminação. (GOMES, 2013, p.83)

Essas questões sinalizam para os desafios que esta lei coloca para todos os professores e profissionais que trabalham e atuam no campo de reconhecimento da cultura dos povos indígenas. A publicação da lei 11.645 e sua aplicação em sala de aula tem exigido um comprometimento que vai além dos próprios esforços dos professores, exige uma ação conjunta em várias instâncias de decisão. É preciso tomar cuidado para não depositarmos toda a nossa esperança de atuação da lei somente na escola, ela sozinha não dá conta de tudo, mas nem por isso ela deixa de ser responsável pelo processo.

O estudo da cultura indígena brasileira para crianças e jovens significa discorrer sobre um tema ainda novo para muitos educadores. Apesar dos esforços promovidos por órgãos federais e instituições diversas para divulgar as culturas indígenas, essas ainda são uma incógnita para alguns professores e alunos até mesmo em algumas universidades.

Contudo, em face a lei 11.645/2008, que determina que os estudos de história e cultura afro-brasileira e indígena sejam inseridos nos currículos das escolas brasileiras, a lacuna do desconhecimento da cultura indígena pouco a pouco está sendo preenchida. Todos têm o direito de descobrir, ler e debater os textos e materiais culturais produzidos pelos diversos povos indígenas, como forma não só de conhecer visões estéticas e temáticas diferentes, mas também de valorizar o outro, o diferente, que deve ter sua história, sua presença e visão de mundo reconhecida.

#### **4.2. O produto educacional criado e sua importância pedagógica**

A ação pedagógica proposta neste trabalho intenciona abordar a cultura visual dos povos indígenas através de uma sequência didática que tem como alegação trabalhar a compreensão da cultura visual.

Interpretar a cultura visual dos povos originários significa identificar as mais variadas imagens e assim poder reconhecer que a visualidade que faz parte de nosso cotidiano, embora muitas vezes sem compreender, é possível decodificar o que elas simbolizam.

A cultura visual indígena está representada em vários objetos e elementos de uso diário na nossa sociedade. Por exemplo, quando aparece um grafismo indígena em um suporte de papel para colocar tapioca em uma loja comercial, podemos observar a cultura visual indígena presente no porta tapioca e na própria tapioca porque ambos são patrimônios desses povos e estão presentes em produtos comerciais no nosso dia a dia.

Dessa forma quando sinalizamos essas produções estabelecemos relações entre povos, lugares e tempo e trazemos para a escola uma leitura visual dos objetos indígenas que talvez os alunos não tenham observado.

A cultura visual propõe que além das atividades ligadas as artes plásticas, sejam incorporadas também a publicidade, objetos do cotidiano, a moda, a arquitetura, vídeos cliques e tantas representações visuais quanto o homem é capaz de produzir. Trata-se de trazer o cotidiano para a sala de aula, assim poder explorar a experiência dos alunos e a realidade virtual externa.

Estudar a cultura visual indígena contribuirá para que os alunos desenvolvam uma imagem positiva, através de uma alfabetização visual que dará condições de conhecer melhor a sociedade em que vivem os povos originários, interpretar sua cultura de outrora e de hoje, tomar contato com outros modos de vida, despertar o olhar curioso para desvendar, interrogar e produzir alternativas frente ao universo visual.

O estudo da cultura visual como importante papel pedagógico para a formação crítica e produtiva dos alunos vem estabelecer processos de interferência e transferências entre os conhecimentos que se possui e novas situações que se aprende.

vivemos em um mundo tecnológico visual complexo, onde as imagens se transformam no produto mais essencial de nossa informação e conhecimento. O aspecto da visualidade, que se refere o nosso modo de olhar, ver, contemplar, fitar, mirar, observar, testemunhar, examinar, vislumbrar, olhar de relance, espiar, espreitar, e entrever o mundo, é particularmente relevante para a construção da representação do conhecimento e revela a necessidade de uma exploração adicional de conceito da comunicação e de representação cultural. (DUNCUM, 2002c apud DIAS, 2010, p.282)

Os povos indígenas representam hoje 4% da população mundial. Nas Américas, são 50 milhões de pessoas, vivendo situações muito diversas em cada país. Qual não foi a surpresa da maior parte da população brasileira ao tomar conhecimento do censo realizado pelo IBGE no ano de 2000, quando mais de 700.000 pessoas se declararam “índios”, abrangendo um numeroso contingente indígena que vive em centros urbanos. Essa dimensão do componente indígena na população brasileira surpreendeu, sobretudo, quem ainda acha que os índios estão “em vias de desaparecimento” e que cabe ao estado a responsabilidade de seu destino. Um destino ainda incerto, sobre o qual vigoram posições contraditórias, recomendando-se sua “integração” ou sua “preservação”.

O fato é que os índios saíram do isolamento, integrados como estão aos sistemas sociais, econômicos e políticos, em âmbito regional e nacional. Uma integração que se realiza

por meio de relações profundamente desiguais, ou mesmo configuradas no limite da exclusão. Enquanto minorias, os povos indígenas se veem forçados a negociar constantemente seus interesses diferenciados com as mais diversas instâncias de poder, locais, nacionais e internacionais. Nesses contextos, aprenderam a gerir tanto suas especificidades culturais quanto seu posicionamento. Dessa forma, é importante saber esses detalhes, face a exigências do seu desenvolvimento.

A cultura visual indígena está presente na visualidade de objetos, pinturas corporais, arquitetura e construções, festas e ritos, ou seja, em todo patrimônio material e imaterial que guardam esses povos.

A atual definição oficial de patrimônio cultural imaterial é a seguinte: As práticas, representações, expressões, conhecimento e técnicas – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como fazendo parte integrante de seu patrimônio cultural. (GALLOIS, 2011, p.10)

De acordo com essa definição, o patrimônio cultural imaterial se manifesta em particular nos seguintes âmbitos: as tradições e expressões orais, incluindo a língua como veículo do patrimônio cultural imaterial; danças, músicas e artes da representação tradicionais; as práticas sociais, os rituais e eventos festivos; os conhecimentos e os usos relacionados à natureza e ao universo; as técnicas artesanais tradicionais.

Esse patrimônio cultural imaterial – que se transmite de geração em geração – é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu entorno, de sua interação com a natureza e sua história, e lhes oferece um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo assim a promover o respeito pela diversidade cultural e a criação humana.

Já a cultura material, é o objeto em si, produzido por saberes que reconhecemos e estudamos; seus diversos elementos, inseridos no dia a dia do indígena que é confundido como arte e como objeto de uso para a vida, por mais tribal que o objeto seja.

Na qualidade de elemento de cultura, que efetivamente não deixa de ser, a arte indígena tem sido descrita pelos etnólogos no capítulo da cultura material, isto é, das manufaturas e da tecnologia, com que se ressalta seu valor utilitário e técnico, passando a segundo plano o componente artístico que detém. Nessas classificações se leva em conta a natureza da matéria-prima, as técnicas empregadas e o fim a que se destina o artefato. Assim se fala de cerâmicas, traçados, tecelagem, objetos de madeira (bancos, remos), utensílios domésticos diversos com conteúdo artístico, trabalhos em cuias, e cabaças, ornatos corporais (colares, brincos, tangas), arte plumária, instrumentos musicais, pintura corporal e arquitetura. (RIBEIRO, 1989, p.31)

Sendo assim, através das atividades propostas no produto, os alunos conhecerão a cultura material e imaterial dos povos indígenas, podendo interagir e produzir seus próprios objetos a partir do contato com essa visualidade cultural dos povos originários.

Estudar a cultura visual dos povos indígenas é dar acesso ao alunado de ter uma educação cultural baseado em sistemas dinâmicos, com novas situações históricas que exigirão aprender novos significados dessa arte, levando o aluno a ter mais sensibilidade, como concepção dos desenvolvimentos dos sentidos. Segundo Barbosa (2010, p.99), “essa definição de sensibilidade como conjunto de funções orgânicas que buscam a inteligibilidade, o prazer, a sensualidade é a que responde às questões da pós-modernidade.”

Além disso, de acordo com Rosa Iavelberg (4º ano; 2017; p.IV).

A arte confere significado ao que se aprende, porque abre caminho para que cada estudante construa sua identidade cultural dialogando simbolicamente com as imagens de que desfruta, com as músicas que ouve, com os espetáculos que assiste e com as informações às quais tem acesso, incluindo as produções contemporâneas. Desse modo, arte é um aprendizado que expande as possibilidades de participação social.

Aprender sobre a cultura visual dos povos indígenas na escola é uma oportunidade de levar um conhecimento que pode ser transmitido por meio de outros tipos de linguagens. Segundo Barbosa,

Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria prima, tornam possível a visualidade de quem somos, de onde estamos e de como sentimos. Relembrando Fanon, diria que a arte capacita um homem ou mulher a não ser um estrangeiro em seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo. A arte na educação como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. (BARBOSA, 2010, p.99)

Desta forma, levar o conhecimento sobre a cultura do seu próprio país é levar o aluno a conhecer o que acontece no mundo das artes, para assim conhecer melhor a cultura visual desses povos. De acordo com Els Lagrou,

funcionalidade e contemplação se tornam inseparáveis, resultando a eficácia estética da capacidade de uma imagem agir sobre e, deste modo, criar e transformar o mundo. Se a arte, a nossa e a dos outros, fascina é porque não podemos nunca parar de sonhar a possibilidade de criar novos mundos. Esta possibilidade de coexistência e sobreposição de diferentes mundos que não se excluem mutuamente é a lição ainda a ser aprendida com a arte dos ameríndios. (LAGROU, 1963, p.105)

Ao aprender a cultura visual indígena, os alunos entrarão em contato com o sistema que envolve a arte na sociedade, ou seja, diferentes modos de produção e de circulação, incluindo a diversidade das culturas e dos diferentes grupos sociais. Dessa forma, os objetos de conhecimento, à experiência, à vida cultural, a produção artística individual e coletiva, ganharão sentido e os alunos passarão a ser mais sensíveis a essa visualidade cultural, tão rica e diversificada, podendo também aprender a respeitar, entendendo que fazemos parte de uma sociedade híbrida e multicultural.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há várias maneiras de se ver o mundo, ampliando nosso olhar. Nunca produzimos tantos instrumentos para transformação do contemplar. Instrumentos com tecnologia avançada que nos atraem e hipnotizam com explosões de imagens.

As diferentes formas de viver dos indígenas mostram diferentes formas de ver a vida, sentir a natureza e observar o mundo. Homens na natureza, homens e a natureza, a natureza e o homem, o ser humano fazendo parte desse universo.

Aprendendo com os indígenas, vemos várias formas de criar a paisagem, diante de uma cultura visual viva e dinâmica. Segundo Elgas (2014, p.133) “...A explosão dessas imagens nos remete à descentralização do sentir e do saber, um tipo de desordem cultural que rompe com os limites entre a ficção e realidade, enquanto desvaloriza e torna obsoletos muitos dos conhecimentos e habilidades produzidos na escola”.

Na narrativa: Quem já viu o vento? Ana Carmem resgata essa questão ao afirmar que “... o acesso à cultura não é apenas físico, requer compreensão do corpo e da alma. Requer estar no mundo e decifrá-lo. Nosso corpo perceptivo interpretando as relações que fazem com o mundo e o outro ... Afinal, quem já viu o vento? Nunca o vi, mas posso sentir sua presença e perceber sua ação nas coisas do mundo. O “vento” utilizado aqui como metáfora, instaura brechas de acesso para aprender e sentir e extrair lições das coisas inventadas e produzidas pela visualidade contemporânea. É nesse plano complexo que as poéticas visuais da arte e da cultura se entrecruzam.” (ELGAS, 2014, p.133)

Neste cruzamento entre arte e cultura acontece a cultura visual indígena, mesmo sem ver o vento, eles conseguem extrair maneiras de viver em harmonia com o mundo a sua volta, produzindo arte e os capacitando a não serem estranhos da sua própria cultura.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZOUBEL, Juliana; MUNIZ, Mariana Lima; ROCHA, Maurilio Andrade; VIVAS, Rodrigo. **Arte de Perto**. São Paulo: Leya, 2016.

BALLENGEE-MORRIS; DANIEL; STUHR. **Questões de diversidade na educação e cultura visual: comunidade, justiça social e pós-colonialismo**. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010. p.266-268.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **A cultura visual antes da cultura visual**. *Educação*, Porto Alegre, v.34, n.3, p.293-301, set/dez.2011.

BARBOSA, Ana Mae. **Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas**. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010. p.99.

BOJUNGA, Sylvia. **Abordagem Triangular e Cultura Visual**. In: *Boletim Arte na Escola*, edição #76, maio/junho 2015. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=75450>>. Acesso em: 11/03/2019.

BRASIL. Lei nº 11645, de 10 de março de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “**História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**”.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação: Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Ensino de primeira a quarta série.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Redescobrimto – a importância de cultura visual na educação**. In: *Boletim Arte na escola*, dezembro 2012. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69371>. Acesso em: 11/03/2019.

COSTA, Ricardo Cesar Rocha da; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; **Sociologia para jovens do Século XXI**. 4.ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo milênio, 2016.

DIAS, Belidson. **Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria queer**. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010. p.282.

ELGAS, Olga. **Conversações sobre a cultura visual: quem fez e quem vê**. In: MARTINS, Celeste Miriam (org.). *Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos*. São Paulo: Terracota, 2014. p.133.

GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: Exemplos no Amapá e norte do Pará**. São Paulo: Iepé, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03**. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (org.). Multiculturalismo. Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

IABELBERG, Rosa; SAPIENZA, Tarcísio; ARSLAN, Lucina Mourão. **Projeto Presente Artes**, 4º ano, São Paulo: Moderna, 2017.

IBGE. **Populações indígenas do Brasil**. Disponível em: <<https://ibge.gov.br>>. Acesso em: 11/03/2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Artes – Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <<https://piib.socioambiental.org/pt/Artes>>. Acesso em: 11/03/2019.

LAGROU, Els. **Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

MARTINS, Celeste Miriam (org.). **Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota, 2014.

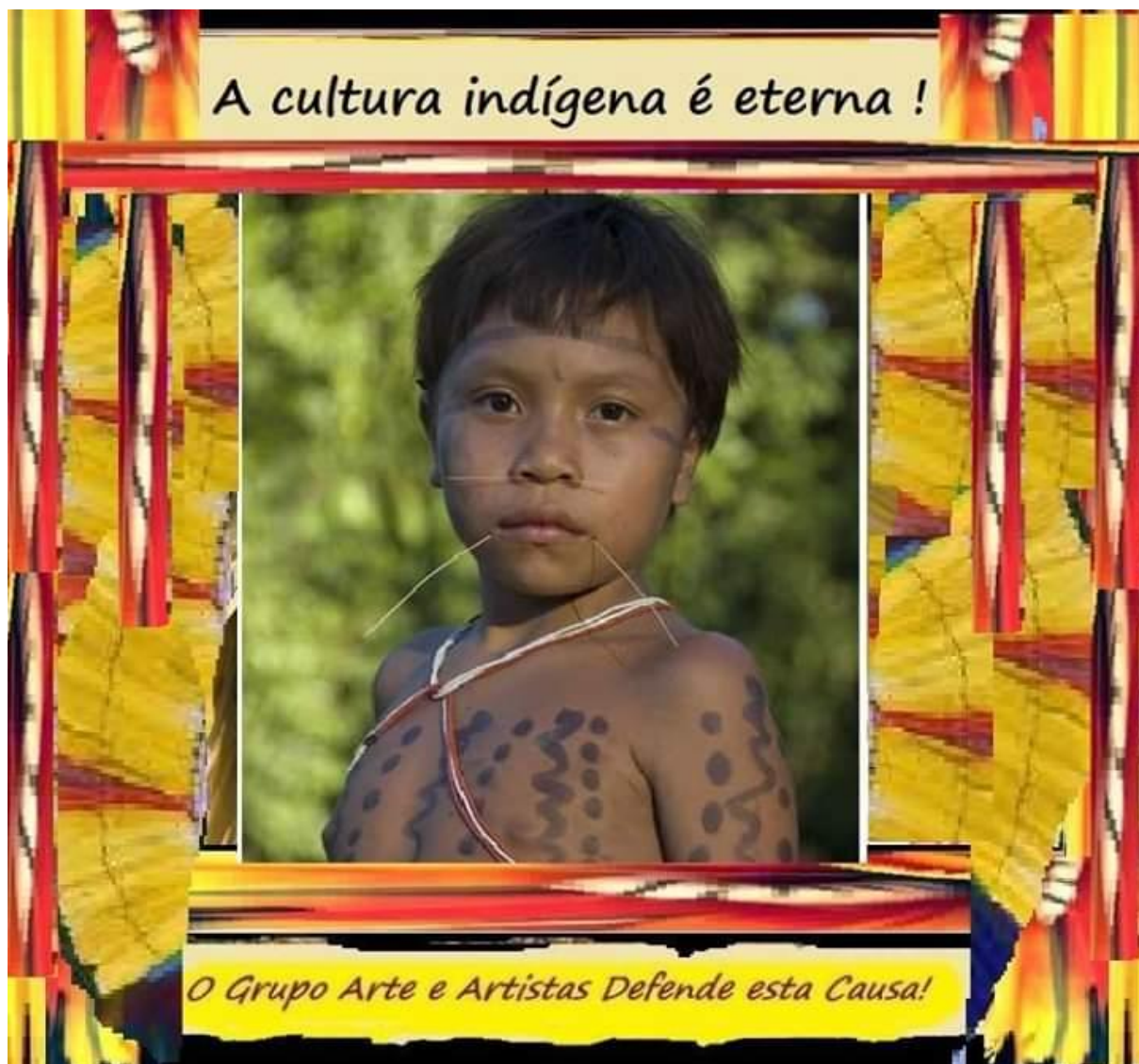
MEIRA, Beá; PRESTO, Rafael; SOTER, Silvia, **Percursos da Arte**. São Paulo: Scipione, 2016.

RIBEIRO, Berta. Arte Indígena, **Linguagem Visual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

RIBEIRO, Jose Mauro Barbosa (organizador). **Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil: anais do XV Confaeb**. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

VALENTE, Renata Curcio. **Museu do Índio e sua contribuição para a Lei 11.645**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2016. Disponível em: <<http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/983-o-museu-do-indio-e-sua-contribuicao-para-a-lei-11-645>>. Acesso em: 11/03/2019.

**APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO  
ESTUDO NA ESCOLA DA CULTURA VISUAL DOS  
POVOS INDÍGENAS**



Rio de Janeiro  
2019

## RESUMO

Este produto é uma sequência didática de um projeto que estuda a importância da cultura visual dos povos indígenas na escola. Nele está contido uma maneira diferente de olhar os indígenas, como grupos étnicos que habitavam o Brasil antes dos colonizadores chegarem aqui, e que hoje ainda lutam por sua permanência em terras demarcadas. Esse povo com sua cultura original, que mostra uma forma própria de ver o mundo, precisa ser visibilizada na escola, para que sua cultura seja mantida viva, reconhecida e respeitada, mostrando o seu valor como grupo étnico que faz parte de nossas matrizes ancestrais. Com as habilidades contida neste produto será possível levarem os alunos a transformarem as aprendizagens na cultura visual indígena mais significativa, fazendo da escola um lugar de reflexão, criatividade, curiosidade, expressão e sensibilidade, levando os alunos a formarem suas próprias identidades, desenvolvendo uma paixão pela arte multicultural do povo brasileiro.

**Palavras Chaves:** Cultura Visual Indígena. Sequência didática. Aprendizagem e transformação.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	<b>04</b>
<b>2. DESCRIÇÃO DA IDEIA DO PRODUTO</b>	<b>06</b>
<b>3. ATIVIDADES PROPOSTAS</b>	<b>13</b>
<b>3.1. OBJETOS DE RITUAIS</b>	<b>20</b>
<b>4. CRONOGRAMA</b>	<b>24</b>
<b>5. AVALIAÇÃO</b>	<b>25</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>28</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

Caros professoras e professores.

O presente produto educacional é uma sequência didática composta de um projeto que visa estudar a cultura visual dos povos indígenas.

A ideia do produto surgiu da necessidade de levar os alunos a conhecerem mais sobre a cultura desses povos.

Uma das perguntas mais frequentes dos alunos é: “ainda existe índio no Brasil?” Baseada neste desconhecimento resolvi pesquisar mais sobre a cultura visual dos povos indígenas e, levar luz, com mais conhecimento específico, desmistificando assim a figura estereotipada que vive no imaginário dos alunos. Normalmente nas escolas se comemora o dia do índio sem que seja feito um trabalho mais profundo. A forma como vivem hoje é de total desconhecimento e invisibilidade. A demonização a que são submetidos ainda persiste no universo do aluno.

Estudar a cultura visual dos indígenas pode desfazer vários equívocos, como: a maioria do alunado desconhece o fato que quando o colonizador chegou ao Brasil, pensava ter chegado as índias, por isso a designação de índio e não indígena. Outro fato que aprendi com “Cristian Wariu” youtuber, da etnia xavante, que grava vídeos ilustrativos no seu canal, é que indígena é o oposto de alienígena. Indígena significa, povos que habitam os lugares antes dos colonizadores chegarem, povos originários. Já alienígena significa vida extraterrestre, que não pertence ao planeta terra. A palavra alienígena vem da palavra alienação que para a sociologia, significa indivíduos alheios a si próprio ou aos outros.

“...há cinco ideias que deformam a imagem sobre os índios e que povoam o imaginário da maioria dos brasileiros: índio genérico, culturas atrasadas, culturas congeladas; os índios fazem parte do passado e o brasileiro não é índio.

Rapidamente apresentando essas ideias, o primeiro ponto sobre o índio genérico refere-se à desconsideração total da diversidade cultural que caracteriza as sociedades indígenas para a maioria da população existe o índio brasileiro que fala a mesma língua, tem as mesmas crenças e organiza seu cotidiano da mesma maneira.

Quanto ao segundo aspecto – culturas atrasadas – refere-se ao modelo antropológico de classificação das sociedades humanas de acordo com seus estágios de desenvolvimento ( civilização, selvageria e barbárie ) em vigor no século XIX, [ ... ] Assim, a despeito de todo o conhecimento complexo desenvolvido pelas sociedades indígenas quanto às formas de manejo ambiental, a complexidade linguística e religiosa que caracterizam essas populações, bem com a riqueza de sua cultura material, os índios ainda são classificados como atrasados e primitivos.

A ideia de cultura congelada remete à imagem estereotipada do indígena brasileiro [...] neste caso, passa longe o conceito de interculturalidade que

caracteriza as sociedades humanas desde os tempos mais remotos, ou seja, é da natureza humana que grupos sociais entrem em contato, troquem elementos culturais e transformem-se mutuamente. [...] O quarto equívoco indica que faz parte do senso comum considerar que índios fazem parte do passado, pois os remetem à imagem dos grupos “primitivos” encontrados pelos primeiros colonizadores. E como ficam os indígenas contemporâneos? Essa ideia articula-se com o equívoco apresentado acima, pois as populações atuais já não se enquadram no estereótipo considerado, então, não são mais indígenas”. (IAVELBERG, Rosa, 2017, p.XXVI)

Tomando por base esse estudo feito por Cristian Wariu, pude constatar que nossos alunos são alienados a respeito das condições de vida dos nossos indígenas. Como vivem, e como é sua cultura, como se relacionam entre si e com a natureza de forma sustentável. Percebi também que as manifestações dessa cultura não estão restritas ao passado, são elementos vivos e participantes na cultura do país. Assim, trabalhando com esse projeto posso trazer valores importantes e diferentes maneiras de ver o mundo moderno, não deixando os alunos de reconhecer a importância da cultura indígena na identidade brasileira, promovendo pedagogicamente ações que visem visibilizar a cultura visual indígena, para que possa ser preservada e respeitada.

Através da leitura de imagens, criações de objetos artísticos, visualização de vídeos, reflexão e diálogos, em torno da cultura visual indígena, desenvolveremos a criação e a percepção sensível dessa arte e suas diversas linguagens.

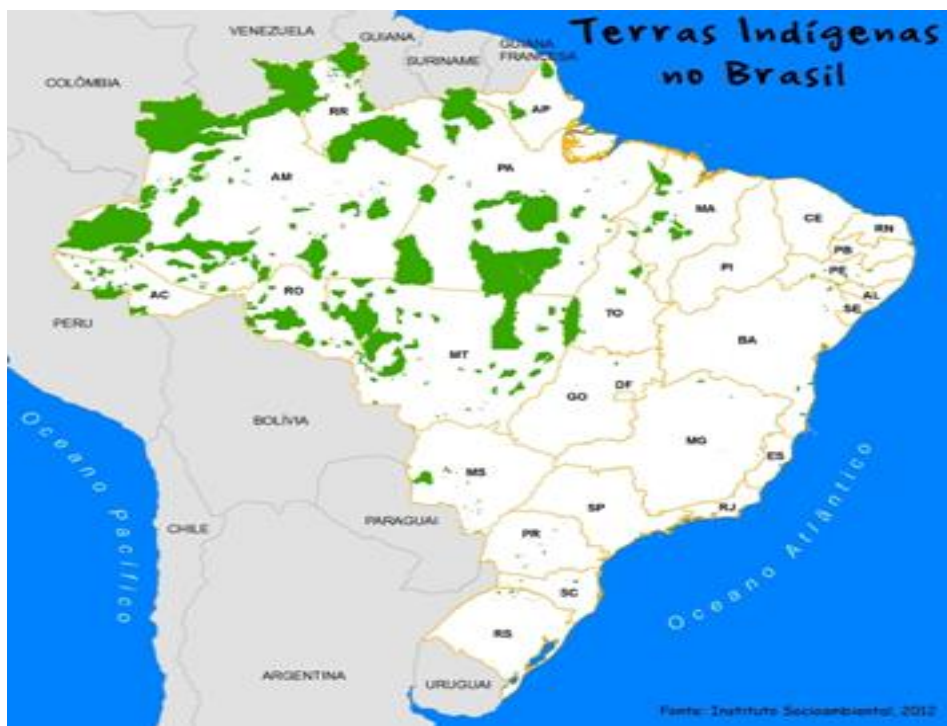
Neste sentido com esse produto que é uma sequência didática que estuda a cultura visual dos povos indígenas na escola, venho possibilitar a nós professores e aos nossos alunos, conhecer cada vez mais essa cultura que faz parte da ancestralidade de cada brasileiro e lutar para que não seja esquecida.

“...a compreensão da cultura visual implica em aproximar-se de todas as imagens, de todas as culturas, com olhar investigativo, capaz de interpretar(-se) e dar resposta ao que acontece no mundo em que vivemos. Vincular a educação à cultura visual pode ser a conexão para nos religar no caminho para ensinar tudo aquilo que se pode aprender nesse cruzamento de saberes que é a arte e, conectar o que se ensina e se aprende na escola com o que acontece além de seus muros”. (HERNÁNDEZ, 2000, p.51)

## 2. DESCRIÇÃO DA IDEIA DO PRODUTO

Esse produto foi pensado como um projeto para ser desenvolvido com os alunos do 4º ano do ensino fundamental.

Uma sequência de ações para apresentar a história dos povos indígenas, sua forma de viver e sua cultura visual. Com a apresentação do mapa do Brasil com a marcação das terras indígenas, podemos iniciar a fala da chegada do colonizador português no Brasil. Para ilustrar essa “chegada”, podemos mostrar por exemplo “A primeira missa no Brasil” pintada por Victor Meireles. Depois da leitura da imagem da obra de arte, podemos levar os alunos a imaginar como teria sido esse encontro.



Fonte: <https://pib.socioambiental.org>



Victor Meirelles. Primeira missa no Brasil, 1860. Fonte: <https://pt.wikipedia.org>

Conversas e reflexões sobre a pintura do quadro levantarão questões de como os portugueses foram recebidos e o que houve realmente foi retratada pela pintura de Victor Meirelles.

Depois dessa conversa sugiro que seja passado o vídeo: Raízes do Brasil. Os indígenas. #1. Esse vídeo faz uma trajetória rápida de toda história dos indígenas desde os tempos que eram os povos originários do Brasil até os dias atuais.



Fonte: Canal de YouTube Enraizando

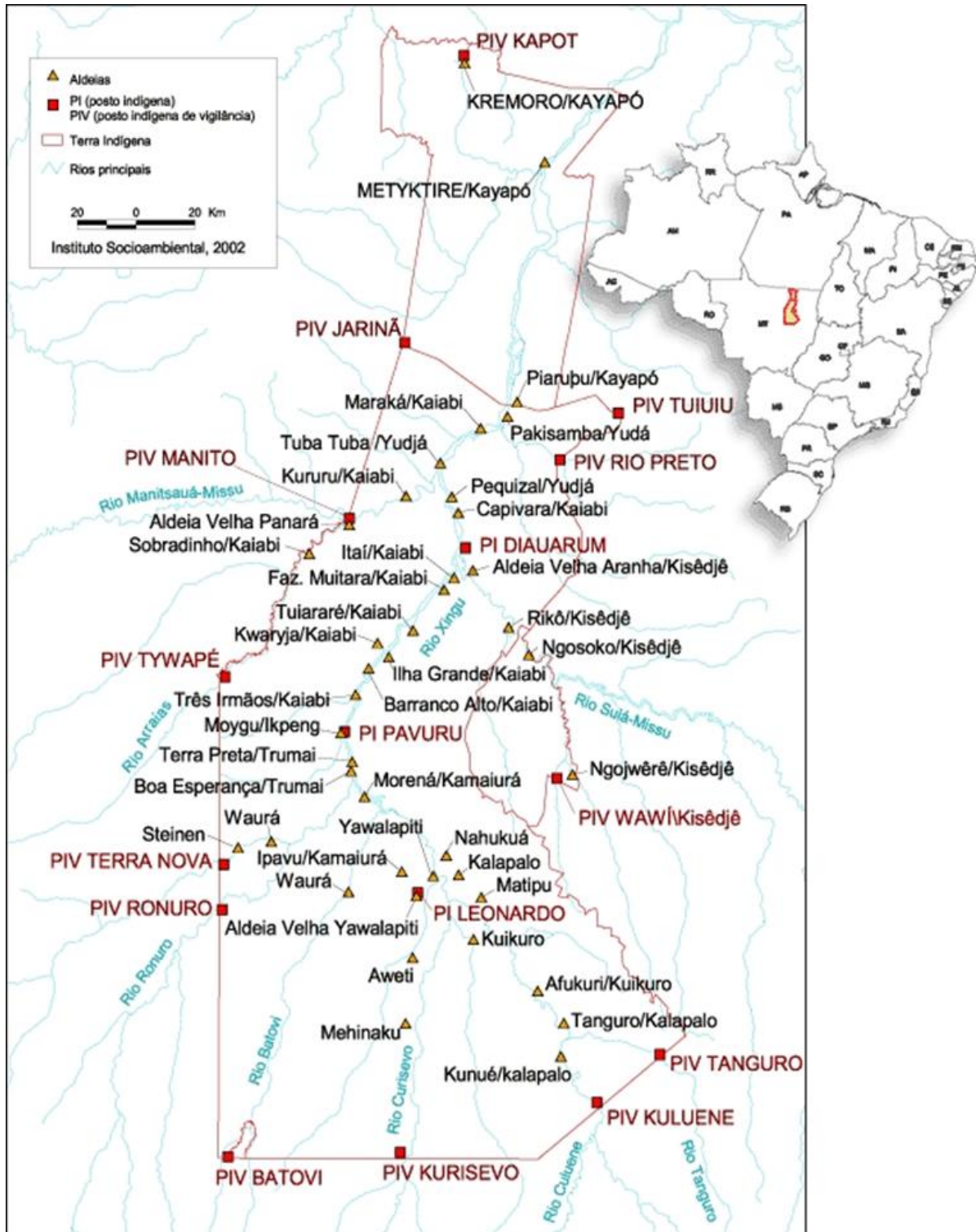
Depois de assistir ao vídeo os alunos terão uma visão diferente e muito menos romântica da situação dos indígenas. Apesar de real e dura, conhecerão várias contribuições deles na nossa sociedade e a compreensão de como viviam, como vivem e o que sofrem para manter sua cultura viva.

Novamente acho pertinente que conversemos sobre a situação do indígena no nosso país. Hora de desmitificar, a figura do índio e partir para a situação concreta nos dias de hoje, afinal o vídeo é uma animação, sendo assim é melhor partir para filmes que mostram a vida dos indígenas nas aldeias. Seria interessante conversar sobre as diversas etnias espalhadas pelo Brasil e sinalizar através do mapa onde fica o Parque Nacional Indígena do Xingu e contar a história de como ele surgiu e a contribuição dos Irmãos Villas-Boas, na demarcação do Parque, porque serão as etnias do Parque do Xingu que será objeto do meu projeto.

Para o professor que quiser se aprofundar na História do Parque Nacional do Xingu, sugiro o filme “XINGU”, que mostra a trajetória da demarcação das terras indígenas. Para os alunos do quarto ano acho um pouco monótono.

Pensando para o ano (4º) que o projeto foi montado, para que os alunos tenham um primeiro contato com a cultura visual indígena sugiro a exibição do vídeo “Waapo” do Território do brincar- Alana, que o professor pode alugar na plataforma de vídeos chamada VIDEOCAMP, com esse vídeo os alunos terão uma visão real como é o modo de vida de uma etnia pertencente no Parque Nacional do Xingu, chamada Yudjá, seus costumes, tradições, artes e a visão da aldeia.





Fonte: <https://pib.socioambiental.org>

ETNIA	POPULAÇÃO
AWETI	195
IKPENG	459
KALAPALO	385
KAMAIURÁ	467
KAWAIWETÉ (KAIABI)	1.193
KISÊDJE (SUIÁ)	330
KUIKURO	522
MATIPU	149
MEHINAKO	254
NAFUKUÁ	126
NARUVÔTU	69
TAPAYUNA*	60
TRUMAI	97
WAURÁ	409
YAWALAPITI	156
YUDJÁ (JURUNA)	348

Fontes: Ipeax 2011 / Unifesp 2010 / Funai 2003.

\* Estimado a partir de levantamento de Kamani Kisêdjê (2006).

Fonte: [https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/10380\\_0.pdf](https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/10380_0.pdf)

Partindo para o estudo da cultura visual dos povos indígenas, começaremos pelo grafismo. Para isso será preciso um pouco mais de entendimento sobre o assunto.

O grafismo indígena ultrapassa o desejo de beleza, é um código de comunicação complexo, que exprime a concepção que um grupo indígena tem sobre o indivíduo e suas relações com outros indígenas, com os espíritos e com o meio onde vive. O grafismo se diferencia também de etnia para etnia. As pinturas que os indígenas do Xingu usam no corpo e em seus objetos, são diferentes dos grafismos de indígenas que vivem no Norte do Amazonas, por exemplo. O grafismo é a identificação étnica de cada grupo.

O grafismo indígena possui algumas características. É inspirado na natureza, folhas de árvores, escamas de peixes, movimento de cobras, casco de tartarugas, pele de animais etc. Muitas vezes possui simetria, tem formas repetitivas, são feitos com tintas naturais, feito por eles mesmos, tendo como material o jenipapo, urucum, barro, carvão etc. Estão presentes tanto na pintura e enfeites corporais como nas cerâmicas, cestarias e decoração das ocas e para cada ocasião existe um grafismo diferente, diferenciam-se em rituais religiosos, festas, guerras e casamentos.

Depois dessa explicação aos alunos, partiremos para o fazer artístico. Utilizaremos alguns objetos reaproveitados como suporte para produzir o grafismo indígena.

Teremos como base o grafismo xinguanço, que é objeto de nosso estudo. Abaixo segue a foto de alguns tipos de grafismo que foi reproduzido de objetos produzidos pelas etnias do parque. Seria interessante também nesse momento amostrar aos alunos fotos de objetos feitos pelos indígenas do Parque Nacional do Xingu.



Arquivo pessoal

### 3. ATIVIDADES PROPOSTAS:

#### 1 – Pintura do grafismo indígena Xinguano nos discos de CD.

Utilizaremos como suporte o CD para a pintura do grafismo, baseados nos desenhos acima. Esses CD, depois serão utilizados como brinquedos do tipo gira-gira.

Antes da pintura propriamente dita, o aluno deve pegar uma canetinha preta e fazer o grafismo de um lado do CD. Depois de desenhado, poderá ser pintado com esmalte de unha colorido. Depois de seco essa face, partiremos para o outro lado, repetindo o mesmo processo. Só depois de seco os dois lados poderemos furar o CD e colocar o barbante. O tamanho do barbante terá aproximadamente 1.20m.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

## 2 – Pintura do grafismo Xinguano na pena de papel, para colocação no lápis.

O aluno receberá uma pena no formato da foto abaixo, para ser recortada. Com o lápis preto, vai desenhar o grafismo que ele desejar, baseado nos desenhos mostrados anteriormente. Depois do desenho feito a lápis dos dois lados, passará canetinha preta para contornar, e utilizará lápis de cor para colorir, terminado o colorido, é só prender a pena no lápis e utilizar nas aulas.



Arquivo pessoal

## 3 – Pintura do grafismo Xinguano em cobrinha de papel.

O aluno receberá uma cobrinha conforme foto abaixo para ser recortada. Com o lápis preto vai desenhar o grafismo que ele desejar, baseado nos desenhos mostrados anteriormente. Depois do desenho feito dos dois lados, passará canetinha preta para contornar, utilizará lápis de cor para colorir; terminado o colorido é só prender o barbante no rabo da cobrinha e transformá-la em móbile.



Arquivo pessoal

#### 4 – Pintura do grafismo Xinguano em uma cobrinha de palitos de sorvete.

Serão necessários 6 palitos de sorvete, que devem ser colocados com cola branca, dois a dois formando uma escada. Com a canetinha preta o aluno fará o grafismo que desejar, baseado nos desenhos mostrados anteriormente. Neste caso, os desenhos serão feitos de um lado só, depois do desenho feito, utilizará canetinha colorida e lápis de cera para colorir. Terminado o colorido, deverá ser entregue ao aluno um pedaço de cartolina verde no tamanho aproximado de 5x3cm e de cor vermelha de 2x2 cm, para a confecção da cabeça e língua, respectivamente. Os olhos são vendidos prontos em papelarias, é só colar na cabeça, em seguida cole a língua na cabeça e cole a cabeça nos palitos e já estará pronta a cobrinha.



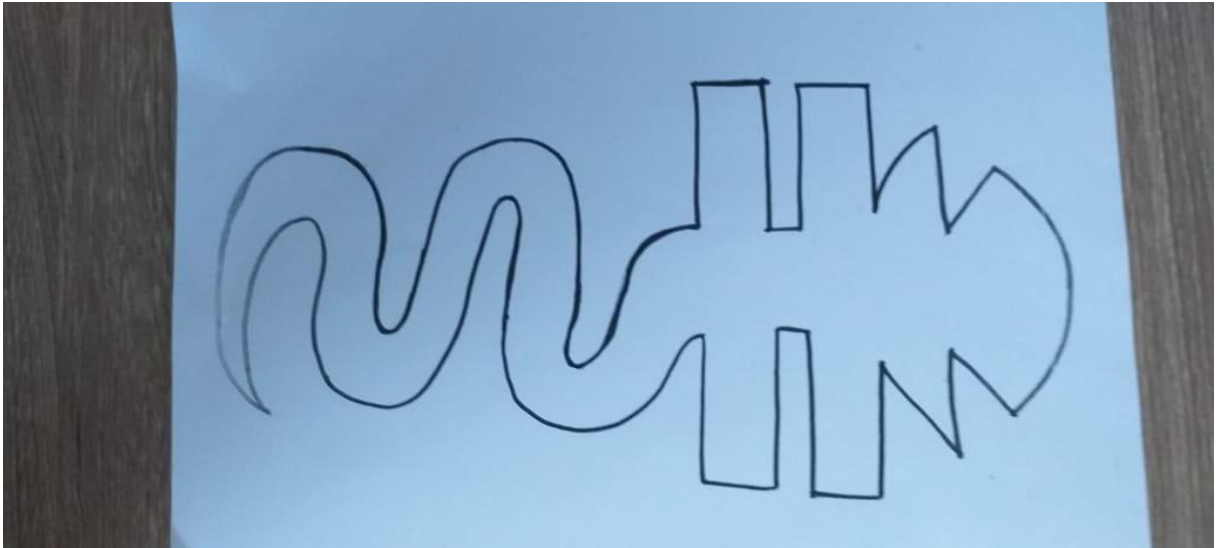
Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

##### 5 – Pintura do grafismo Xinguano em uma cobrinha de papel.

O aluno receberá uma cobrinha conforme foto abaixo para ser recortada, com o lápis preto, vai desenhar o grafismo que desejar, baseado nos desenhos mostrados anteriormente, depois do desenho feito a lápis de um lado só, passará canetinha preta para contornar e já pintar com a própria canetinha. Terminado o colorido, o aluno receberá um pedaço bem pequeno de papel lustroso vermelho de aproximadamente 1,3x3cm, para fazer a língua da cobra e colar na frente, perto da boca, em seguida é só colocar no braço ou em um rolinho de papel higiênico.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

**6 – Pintura do grafismo Xinguano em folha de ofício criando um trabalho de ilusão de ótica.**

O aluno receberá 2 folhas de papel ofício, nas 2 ele fará a mesma dobra, a folha será dobrada ao meio, depois ao meio de novo e mais uma vez dobrada ao meio no sentido vertical, teremos um retângulo de 3,5x21cm., quando abirmos o papel teremos 8 retângulos neste mesmo formato. Em uma das folhas transformaremos a dobra em um leque de sanfona, no outro pegamos o lápis preto e a régua e faremos linhas na marcação das dobras. Depois

montaremos o mesmo desenho de duas formas diferentes e intercalados. Serão 4 desenhos de grafismos de um jeito e 4 de outros diferentes. Acabado o desenho, vamos recortar os retângulos que parecerão tiras, usaremos a canetinha preta para o contorno e o lápis de cor para colorir.

Pronta a pintura, pegamos a outra folha e vamos colar alternadamente cada desenho em cada uma das faces da sanfona. É esse formato de sanfona que dará o efeito de ilusão de ótica, de um lado veremos um grafismo, girando veremos outro.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

### 3.1. Objetos de rituais

Esses objetos pertencem a rituais de várias etnias xinguanas, que devem ser mostradas através de vídeos e imagens ilustrativas, para que os alunos entendam o contexto.

Sugestões de vídeos:

1 – Kuarup, a última viagem de Orlando Villas Bôas. [S.l: s.n], 2016. Vídeo (3:06). Publicado pelo canal: vitormcz. Disponível em: <<https://youtu.be/scmMqK3Lf84>>. Acesso em: 22/03/2019.

2 – Exposição “tribos indígenas do Alto Xingu e do Pará” de Sandra Genro. [S.l: s.n], 2010. Vídeo (1:17). Publicado pelo canal: tarsofgenro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aZKZJZTnNts>>. Acesso em: 22/03/2019.

3 – Canto ritualístico Kalapalo. [S.l: s.n], 2018. Vídeo (1:33). Publicado pelo canal: Ysani Kalapalo. Disponível em: <<https://youtu.be/hIjP4-YopaA>>. Acesso em: 22/03/2019.

4 – Grupo de índios do Xingu visita Escola Tatuí, SP. [S.l: s.n], 2013. Vídeo (24:53). Publicado pelo canal: Sitio Santa Rosa. Disponível em: <<https://youtu.be/pQHJZP0NFwk>>. Acesso em: 22/03/2019.

Máscara utilizada para ritual de cura – Atataatai – rituais de máscaras da etnia Kalapalo no alto Xingu.



Índio Kalapalo se escondendo. Fonte: [fotonatural.photoshelter.com](http://fotonatural.photoshelter.com)



Kalapalo – Xingu. Fonte: [pinterest.com](https://www.pinterest.com)

## 1—Confecção de máscaras da etnia Kalapalo.

Para confeccionar essa pequena máscara, vamos precisar de 1 rolinho de papel higiênico com base branca. Amassaremos o rolinho para ele se tornar plano. O aluno precisará de 2 tiras de papel lustroso com 2x17cm, uma das tiras iremos colocar na parte superior do rolinho, contornando toda a extensão, prendendo com cola, feito isso, cortaremos 2 tiras vermelhas de papel lustroso de 2x6cm e colocaremos na vertical bem no meio do rolinho, de baixo para cima, nas duas faces.

Os espaços em branco que foram um U de cabeça pra baixo, usaremos a canetinha preta para fazer o rosto da máscara e o grafismo nos dois lados, em seguida colocaremos um pedaço de papel lustroso preto de 2x2cm, no meio da tira vermelha superior.

Para terminar, será colocado palhas no meio do rolinho, presas com cola, sobrando um pedaço como se fosse uma saia. Para finalizar e só colocar o barbante nas laterais para pendurar.



Arquivo pessoal

Tronco de madeira utilizado para o ritual Kuarup, que é também o nome da madeira que em sua origem, tem o objetivo de trazer os mortos à vida. É um ritual de homenagem aos mortos ilustres, celebrado pelos povos da região do Xingu.



Kuarup é uma festa para celebração a memória dos mortos. Fonte: [www.museudoindio.gov.br](http://www.museudoindio.gov.br)

## 2—Confecção de mini troncos representando a festa do Kuarup.

Para confeccionar o mini tronco vamos precisar de rolinhos de papel higiênico, 2 tiras de papel lustroso vermelho de 2x17cm, 1 tira larga de 6x17 cm de papel ofício. Com a tira de papel ofício faremos o grafismo Xinguano com lápis preto, depois cobriremos e pintaremos com canetinha preta, pronto colaremos no meio do rolinho. Para finalizar colamos as duas tiras vermelhas, uma em cima e a outra embaixo. Assim, tudo pronto para ser colocado no mural representando os mortos ilustres.



Arquivo pessoal

#### **4. CRONOGRAMA**

O cronograma é de dois a três meses. As aulas podem ser divididas de acordo com os tempos de aula que cada professor tem.

## 5. AVALIAÇÃO

Serão feitos registros e documentações das produções dos alunos em sala de aula ou em outros espaços em que o trabalho for desenvolvido, que serão os guias para a avaliação. No final do semestre ou do bimestre será produzida uma apresentação com todos os trabalhos desenvolvidos.



Arquivo pessoal



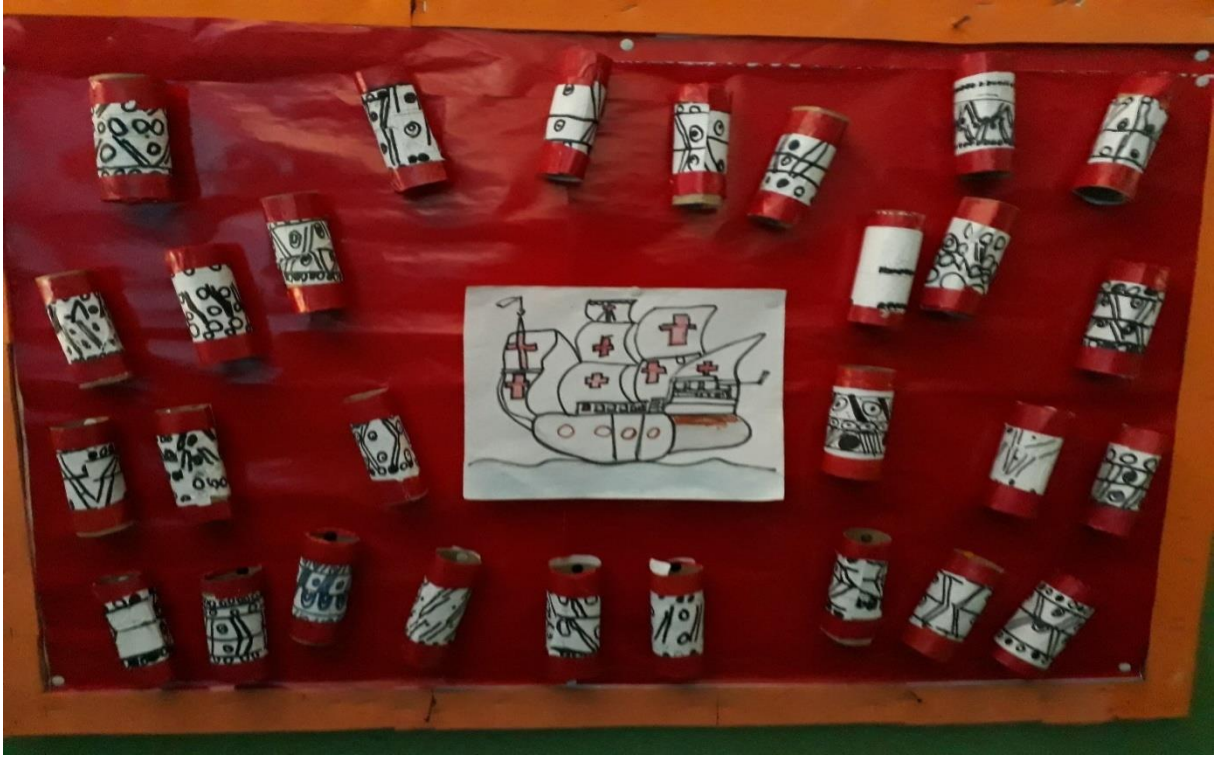
Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. *Lei nº11645, de 10 de março de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”*.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Ministério da Educação**. Secretaria de Educação: Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Ensino de primeira a quarta série.

GALLOIS, Dominique Tilkin (org). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: Exemplos no Amapá e norte do Pará**. São Paulo: Iepé, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 2000.

IAVELBERG, Rosa, SAPIENZA, Tarcísio Tatit, ARSLAN, Lucina Mourão. **Projeto Presente Artes, 4º anos**, São Paulo: Moderna, 2017.

ISA. **Artes – Povos indígenas no Brasil**. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Artes>>. Acesso em: 11/03/2019.

LAGROU, Els. **Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

**Os Indígenas - Raízes do Brasil #1**. [S.l: s.n], 2016. Vídeo (8:41). Publicado pelo canal: Enraizando. Disponível em: <<https://youtu.be/cQkA5PDow2s>>. Acesso em: 11/03/2019.

RIBEIRO, Berta. **Arte Indígena, Linguagem Visual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

Wikipedia. <<https://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 11/03/2019.